

A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE NAS ONDAS DE RÁDIO: Especificidades das narrativas radiofônicas em tempo real

THE HISTORY OF THE PRESENT TIME IN THE RADIO WAVES: Specificities of real time radio narratives

Mirian Redin de Quadros

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal identificar as especificidades das narrativas configuradas pelo rádio. Para tanto, o texto toma como objeto empírico a cobertura radiofônica realizada pela Rádio Gaúcha para o Caso do Rodado, um acidente de trânsito que vitimou quatro meninas indígenas na cidade de Estrela, interior do Rio Grande do Sul, em outubro de 2015. A reflexão ampara-se no conceito de narrativa, entendendo-o como um aporte teórico e metodológico para o estudo do jornalismo. Dessa forma, o estudo utiliza como método de referência a Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013), aplicada à análise de seis programas radiofônicos, veiculados pela emissora ao longo do dia 19 de outubro de 2015. Os resultados da pesquisa apontam para uma narrativa que se caracteriza, principalmente, por fatores como fragmentação, instantaneidade, uso de reiteraões, inclusão de “cenas de bastidores” e participações de ouvintes.

Palavras-chave: Narrativa jornalística; Rádio; Análise Crítica da Narrativa.

Abstract: In this paper, we have as main objective identify the specificities of the narratives configured by the radio. Therefore, we take as an empirical object the radio coverage broadcasted by Rádio Gaúcha for the Case of “Rodado”, a traffic accident that killed four indigenous girls in Estrela, city in the inland of Rio Grande do Sul’s state, in October 2015. We based our reflection on the concept of narrative, understanding it as a theoretical and methodological contribution to the study of journalism. Thus, we used in this study, as a reference method, the Critical Narrative Analysis (MOTTA, 2013), applied to the analysis of six radio programs broadcasted on October 19, 2015. The results of the research point to a narrative characterized mainly by factors such as fragmentation, instantaneity, and use of reiterations, inclusion of “backstage scenes” and the participation of listeners.

Keywords: Journalistic narrative; Radio; Critical Analysis of Narrative.

1. Considerações iniciais

No ar desde as 5h, a programação do Gaúcha Hoje¹ seguia como de costume naquele princípio de manhã de segunda-feira. O apresentador Antônio Carlos Macedo conduzia o programa que tinha como pauta principal a adaptação ao Horário de Verão, recém-iniciado. Repórteres revezavam-se na tarefa de relatar aos ouvintes as condições do clima e do trânsito. As primeiras informações do dia eram levadas ao ar entre atualizações de hora e temperatura. O roteiro do programa, aparentemente, seguia o planejado até que mensagens enviadas por ouvintes alertaram a reportagem sobre um grave acidente de trânsito. Havia mortes, crianças envolvidas, congestionamento e protestos. Era uma história que precisava ser contada.

Diariamente o jornalismo se depara com situações como essas: acontecimentos que irrompem com a normalidade e precisam ser noticiados. Em meio ao caos do inesperado, cabe ao jornalista, por meio de procedimentos de apuração e fazendo uso da linguagem e dos recursos específicos de cada mídia, reordenar fatos e personagens a fim de construir uma narrativa coerente e credível. É o jornalismo, por meio de suas narrativas, que faz a mediação entre os acontecimentos do cotidiano e a experiência humana.

No rádio informativo, comprometido com o conteúdo jornalístico, essa tarefa ganha contornos acentuados. O imediatismo característico das transmissões radiofônicas aliado à instantaneidade da recepção leva o rádio a construir suas narrativas quase que de forma simultânea ao desenrolar dos fatos. Distingue-se, portanto, das narrativas configuradas para meios impressos ou audiovisuais que, diferidas, contam com mais tempo de apuração, redação e edição. De forma semelhante aos atuais meios digitais, principalmente os sites de redes sociais, o rádio apura e narra ao vivo.

Compreender como se dá esse processo de configuração das narrativas radiofônicas transmitidas em tempo real é o objetivo principal deste texto. Adotando como referencial teórico-metodológico a Análise Crítica da Narrativa, com base em Motta (2013), partimos dos seguintes questionamentos: por meio de que estratégias e recursos (técnicos, sonoros e enunciativos) o rádio configura suas narrativas em tempo real sobre os acontecimentos cotidianos? Que elementos particularizam essas narrativas, diferenciando-as das narrativas configuradas por outras mídias?

Como objeto empírico de nossa reflexão, elegemos a narrativa sobre um acontecimento específico, veiculada pela Rádio Gaúcha, emissora de programação

¹ Programa jornalístico veiculado na Rádio Gaúcha de segunda à sexta-feira, das 5h às 9h.

informativa sediada na cidade de Porto Alegre (RS). O Caso do Rodado², que detalharemos a seguir, se refere a um acidente envolvendo um caminhão e quatro meninas de uma comunidade indígena do Rio Grande do Sul. O acontecimento ocorreu e foi narrado pela emissora no dia 19 de outubro de 2015. Tomando como referência a Análise Crítica da Narrativa e articulando-o à bibliografia específica sobre rádio, buscaremos delinear as especificidades e estratégias empregadas na configuração da narrativa sobre esse caso, ampliando nossa reflexão acerca das narrativas radiofônicas transmitidas em tempo real.

2. O jornalismo pelo viés da narrativa

O ato de narrar tem sua origem com a humanidade. Desde o princípio da comunicação oral o homem se utiliza de práticas narrativas para relatar acontecimentos, para registrar a História, inventar estórias, transmitir conhecimentos e valores. É pelo encadeamento das experiências vividas em uma lógica temporal de causas e consequências que o ato de narrar promove o ordenamento dos fatos e dos sujeitos, dando-lhes coerência e sentido. É por meio das narrativas que o complexo mundo que nos cerca vai sendo decifrado. Não há povo sem narrativa, já afirmava Barthes (2008). São as narrativas de cada sociedade e de cada época – os mitos, os contos, as fábulas, os romances e, por que não, o jornalismo – que ensinam e orientam o homem sobre o mundo, seus valores e modos de agir. A perspectiva que adotamos aqui é a de que o jornalismo pode ser compreendido como uma narrativa organizando a realidade e orientando a vida em sociedade, a partir do que seleciona como relevante, de como torna público determinados fatos e a quem concede voz.

Pensar o jornalismo como uma narrativa, contudo, não significa buscar na estrutura textual das notícias elementos que as caracterizem como uma narração. Este foi o principal pressuposto sustentado por teóricos Estruturalistas e Formalistas, em meados do século XX. Diferente dessa abordagem, a narratividade do texto jornalístico que buscamos evidenciar não se localiza no produto final, mas em seu processo de produção, como um modo de articular experiências e sujeitos, dentro de um contexto. Mais que um mero conjunto de procedimentos técnicos de escrita, o jornalismo é um fenômeno cultural e, como tal, está atrelado às tensões que permeiam a realidade. Por

² Rodado é o nome dado ao conjunto de rodas e pneus, fixado ao eixo do caminhão. O caminhão que se envolveu no acidente tinha dez rodados, cinco de cada lado. O rodado que se soltou foi o último, que costuma ficar suspenso quando este tipo de veículo trafega vazio ou com cargas de menor peso.

isso, “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades” (LEAL, 2013, p. 28).

Por debruçar-se sobre a história do presente, contudo, o jornalismo configura narrativas que são esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração. Essa compreensão da narrativa ampara-se nas reflexões desenvolvidas pelo filósofo Paul Ricoeur. Para ele, é pela configuração da narrativa, ou seja, pela tessitura de uma intriga, que o tempo e a experiência humana se tornam apreensíveis e compreensíveis. Ricoeur busca em Aristóteles a referência à *mimese*³, a partir da qual elabora sua proposta de arco ou círculo hermenêutico, em que coloca em relação a tríplice mimese. A narrativa, para o filósofo, compreende três etapas, partindo de um acontecimento real (mimese I), sua configuração simbólica e contextual (mimese II) e sua interpretação (mimese III). É a mimese II, portanto, a responsável por estabelecer a mediação entre a experiência do mundo real e sua compreensão pelo receptor, é nela que se dá a *mise en intrigue*, ou seja, a tessitura da intriga.

Essa configuração narrativa da realidade, porém, não é definitiva e imutável, principalmente quando nos referimos ao processo de narrativização da história do presente, tal qual faz o jornalismo. Ao alcançar a mimese III, a configuração simbólica da realidade reencontra o mundo histórico e prático, através da ação do receptor que, ao interpretar a história configurada pela mimese II, reconfigura seu próprio mundo, retornando a uma nova mimese I. O círculo hermenêutico, assim, revela-se uma espiral, como defende Leal (2013, p. 39): “o retorno da narrativa ao mundo da vida não é uma volta ao ponto de origem, mas um acréscimo, um trânsito, uma inovação”.

É considerando esse movimento espiralado que Motta (2012) propõe a hipótese das narrativas jornalísticas como formas de experimentação da realidade, ou como apresentação experimental de uma realidade em movimento. O jornalismo, sob essa perspectiva, ao relatar acontecimentos quase que concomitantemente a sua “irrupção” no mundo real, configura narrativas que são esboços instáveis e provisórios: “[a narrativa jornalística] permite apreender rapidamente a complexidade do mundo

³ Conforme Motta (2013, p. 72), o conceito de mimese em Aristóteles e Platão significa “imitação, recriação ou representação do mundo por meio de algum tipo de configuração”. Aplicado à narratologia, o conceito levou à compreensão das narrativas como atividades miméticas, ou seja, que imitam a realidade. Paul Ricoeur (1994), contudo, ressalta que ao narrar não estamos produzindo uma réplica da realidade, mas sim uma versão. Motta (2012) explica que, em Ricoeur, a atividade mimética promove, na verdade, uma ruptura com o referente real e uma transposição metafórica deste na composição da intriga. A mimese ricoeuriana, assim, corresponde a um processo de recriação do mundo pela ação narrativa do homem.

imediatos e configurá-los em enredos minimamente coerentes, colocá-los à prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade” (MOTTA, 2012, p. 233).

Dessa forma, as narrativas jornalísticas podem ser entendidas como a história do tempo presente ou do tempo imediato (MOTTA, 2013). O jornalismo, sob este viés, seria uma forma de atualização permanente da realidade, ou como define Carvalho (2012, p. 173), o ato de narrar “é a capacidade humana de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá na memória”. Diferente da historiografia, que se distancia temporalmente dos fatos para sobre eles refletir e contextualizar, o jornalismo narra os acontecimentos de modo imediato, quase que simultaneamente às suas ocorrências, especialmente hoje em um cenário de midiaticização e convergência tecnológica.

É pela ação da narrativa, portanto, que acontecimentos isolados ganham sentidos e historicidade. Por meio de estratégias enunciativas, pelo ordenamento de elementos aparentemente dispersos e valendo-se de *frames* e modelos simbólicos culturalmente compartilhados, a narrativa organiza fatos e sujeitos de modo a conferir-lhes sentidos e papéis, inserindo-os em um contexto específico e uma história ampliada. Narrar, sob essa perspectiva, revela-se como um movimento de recriação simbólica da realidade (e não uma mera cópia ou reflexo como preconizava a Teoria do Espelho), um processo que é subjetivo e dotado de intencionalidades.

Se o jornalismo de modo geral se caracteriza pela proximidade temporal entre o fato e sua configuração narrativa, no radiojornalismo esse processo é ainda mais imediato. Por suas condições técnicas, o rádio é um dos veículos capazes de transmitir com maior facilidade o desenrolar dos acontecimentos de forma instantânea e do local onde ocorrem. Da mesma forma, as facilidades trazidas pelas tecnologias digitais permitem, também, que ouvintes interajam e contribuam de modo cada vez mais ágil com as coberturas jornalísticas. Tudo isso faz com que as narrativas radiofônicas apresentem certas especificidades – a linguagem sonora, a imediaticidade, a efemeridade da mensagem radiofônica e a interatividade com os ouvintes são algumas das características do radiojornalismo que podemos indicar de antemão como responsáveis por interferirem nas narrativas deste meio, distinguindo-as das narrativas configuradas por outras mídias. É sobre essas peculiaridades que nos deteremos a

seguir, a partir da análise da narrativa sobre um acontecimento singular: o Caso do Rodado.

3. O Caso do Rodado: a intriga, os episódios e as personagens

Na segunda-feira, dia 19 de outubro de 2015, um acidente envolvendo um caminhão e quatro meninas de uma comunidade indígena localizada no município de Estrela, na região central do Estado do Rio Grande do Sul, tornou-se a pauta principal da cobertura jornalística veiculada pela Rádio Gaúcha, emissora de caráter informativo sediada em Porto Alegre. Dos primeiros relatos sobre o acidente, no início da manhã, até a prisão em flagrante do motorista do caminhão, à tarde, a emissora reconstituiu o acontecimento, articulando diferentes episódios e personagens, configurando uma narrativa sobre o caso⁴.

O acidente ocorreu pouco antes das 7h. O caminhão conduzido por Hélio Fernando da Rosa Amador, 53 anos, trafegava pela BR 386 no sentido Porto Alegre-Interior, quando, no quilômetro 360, um de seus rodados se desprende. No acostamento da rodovia, quatro meninas pertencentes a uma tribo indígena aguardavam o transporte escolar em um ponto de ônibus. O rodado atingiu as jovens, levando três delas à morte e ferindo gravemente a quarta. O caminhão não parou para prestar socorro. Morreram no local as irmãs T. L. e C. S. L., de 9 e 15 anos, respectivamente, e a prima F. S. L., 14. A. S. L., 13 anos, irmã de T. e C., foi levada ao hospital de Estrela em estado grave.

Com a constatação do ocorrido, a comunidade indígena se revoltou, bloqueando a estrada nos dois sentidos. Outro caminhão que passava pelo local, pouco após o acidente, foi apedrejado pelos índios. O protesto, que se estendeu até o início da tarde, gerou um congestionamento de veículos ao longo de mais de cinco quilômetros.

Moradores da Aldeia dos Coqueiros, localizada a 500 metros da rodovia, a comunidade caingangue à qual as vítimas pertenciam era composta, à época, por 29 famílias, cerca de 150 pessoas, que viviam de venda de artesanato em cidades da região. A aldeia possuía uma escola que atendia crianças menores. As maiores frequentavam uma escola municipal, distante quatro quilômetros. Diariamente, elas precisavam descer

⁴ A reconstituição da intriga apresentada aqui foi construída a partir da cobertura realizada pela Rádio Gaúcha, e complementada com informações divulgadas posteriormente pelo jornal Zero Hora, ambos veículos pertencentes ao Grupo RBS.

até as margens da rodovia para aguardar o transporte oferecido pela Prefeitura de Estrela.

Ainda pela manhã, em paralelo ao protesto dos índios, a PRF deu início à busca pelo motorista. Após a identificação do caminhão, o motorista foi abordado no município de Tio Hugo, a mais de 100 quilômetros do local e cerca de três horas após o acidente. Hélio Fernando da Rosa Amador foi preso em flagrante.

Após o meio-dia, os episódios do caso tiveram continuidade. A BR 386 foi liberada nas primeiras horas da tarde e o trânsito foi restabelecido. A Prefeitura de Estrela emitiu uma nota oficial lamentando o ocorrido e esclarecendo o funcionamento do serviço de transporte escolar. Às 15h, caciques das comunidades indígenas da região reuniram-se com representantes do Ministério Público, Fundação Nacional do Índio (Funai), Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e Prefeitura de Estrela para discutir a situação do local.

Também no início da tarde, o motorista do caminhão prestou depoimento à Polícia. Ele afirmou não ter percebido que o rodado havia se desprendido, por isso não parou para prestar socorro. A falha só teria sido notada cerca de uma hora depois, quando o motorista teria comunicado a empresa proprietária do caminhão e recebido orientações para o conserto. Amador ainda apresentou documentos que comprovavam a manutenção recente do caminhão. Em declarações à Rádio Gaúcha, o delegado da Polícia Civil José Romanci Reis, responsável pelo caso, contestou a versão do motorista, sugerindo a hipótese de que Amador teria percebido a queda do rodado, mas preferiu seguir a viagem. Reis manifestou o intuito de indiciar o motorista pelos crimes de homicídio culposo, lesão e fuga.

O motorista Hélio Fernando da Rosa Amador foi levado para o Presídio Estadual de Lajeado. O sepultamento das três meninas que morreram no local do acidente foi realizado na manhã do dia seguinte, no cemitério da Aldeia dos Coqueiros. A quarta menina atingida pelo rodado não resistiu aos ferimentos e faleceu no dia 30 de outubro de 2015.

4. A narrativa da Rádio Gaúcha sobre o Caso do Rodado

Ao longo de toda segunda-feira, dia 19 de outubro de 2015, a Rádio Gaúcha dedicou significativos espaços em seus programas jornalísticos para narrar os episódios relacionados ao acidente em Estrela. O Caso do Rodado, contudo, foi a principal pauta

daquele dia, tendo sido acompanhada desde o início da manhã, logo após a confirmação do acidente, até o final da tarde, transpondo os limites entre os programas, de forma a compor uma única narrativa. Para nossa análise, selecionamos os seis programas jornalísticos nos quais a pauta foi abordada – Gaúcha Hoje, Gaúcha Atualidade, Timeline Gaúcha e Chamada Geral 1ª Edição, no turno da manhã; Gaúcha Repórter e Chamada Geral 2ª Edição, no turno da tarde. Foram excluídos da análise os programas esportivos. Nosso *corpus*, portanto, foi composto por 10 horas de conteúdo sonoro, coletado entre as 5h e as 17h30.

A fim de refletirmos acerca da construção da narrativa radiofônica sobre este caso, selecionamos como ferramenta metodológica de referência a Análise Crítica da Narrativa. O método proposto por Motta (2013) constitui-se como um roteiro de análise, que leva o pesquisador à desconstrução gradual da narrativa. Para tanto, o pesquisador sugere uma divisão em três planos ou instâncias analíticas, além de sete movimentos metodológicos. Assim, o plano da expressão é o da linguagem, que equivale à superfície do texto; o plano da estória diz respeito ao conteúdo ou a intriga da narrativa e é um plano virtual de representação; e o plano da metanarrativa é onde se encontra o tema de fundo implícito na estória narrada, de caráter ético ou moral. Já os movimentos de análise sugeridos pelo autor vão desde a apreensão da intriga e da lógica do paradigma narrativo, a identificação de episódios e conflitos, a análise das personagens e das estratégias argumentativas, até a reflexão acerca das metanarrativas subjacentes.

A Análise Crítica da Narrativa, deste modo, parte do plano da expressão, passa pelo plano da estória até chegar ao plano da metanarrativa, de onde se torna possível apreender a “moral da história”, ou seja, os valores que aquela narrativa ensina, reforça ou desconstrói. Por meio de um percurso analítico, o método permite ao analista evidenciar aspectos como as intenções dos narradores, as estratégias enunciativas empregadas, a caracterização das personagens, os recursos de encadeamento, entre outros elementos. Cabe ponderarmos, contudo, que os procedimentos sistematizados por Motta (2013) foram apresentados visando a aplicação em análises de narrativas impressas, ou seja, sem considerar as especificidades sonoras da linguagem radiofônica. É por isso que se torna relevante, metodologicamente, nossa preocupação em identificar as especificidades das narrativas jornalísticas radiofônicas. Veremos a seguir algumas dessas peculiaridades de forma mais detalhada.

4.1 Emissão continuada x fragmentação

Ao narrar o Caso do Rodado, a Rádio Gaúcha detalha o cenário do acidente, apresenta e contextualiza as personagens, bem como encaixa na narrativa os conflitos secundários e os antecedentes. Todos esses movimentos, contudo, não se dão de forma linear e coesa, mas sim são fragmentados ao longo da programação da emissora. Repousa aqui uma das principais peculiaridades da narrativa radiofônica.

Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) apontam a emissão continuada como uma das características que diferenciam a narrativa radiofônica das demais mídias. A narrativa no rádio, dessa forma, seria configurada por meio de uma “dupla articulação” – conceito importado dos estudos linguísticos de Ferdinand Saussure. Esta perspectiva entende que cada unidade da programação radiofônica constitui-se como uma narrativa fechada em si, mas também parte de uma narrativa maior.

A narratividade no rádio informativo, deste modo, parte de uma notícia isolada, que se configura como uma unidade autônoma (uma micronarrativa); passa por uma narratividade intermediária, que se dá no interior de cada programa; até alcançar o status de uma estória mais ampla, englobando a grade de programação como um todo (uma macronarrativa). Considerar a narrativa radiofônica desta forma nos leva a perceber a importância do uso de estratégias específicas de construção textual – que se situam, de acordo com a perspectiva metodológica de Motta (2013), no plano da expressão –, mas, também, em notar como o processo de narrar conecta fragmentos espalhados por distintos programas, buscando configurar uma narrativa coerente e compreensível aos seus ouvintes, mas que também esteja alinhada com a identidade e a proposta editorial da emissora – reflexão que se situa no plano narrativo da estória.

A narrativa completa do Caso do Rodado, então, foi construída pela Rádio Gaúcha por meio do encadeamento de diversas unidades narrativas menores, distribuídas ao longo da programação. O acidente em Estrela começou a ser narrado por volta das 7h, durante o programa Gaúcha Hoje, estendendo-se até o Chamada Geral 2ª Edição, encerrado às 17h30. Dentro deste espaço de tempo, o caso foi abordado em todos os seis programas jornalísticos da grade diária da emissora que nos referimos anteriormente, bem como nos boletins noticiosos Notícia na Hora Certa e Correspondente Ipiranga, veiculados em diferentes horários ao longo do dia. Registramos referências ao acontecimento em 47 unidades narrativas: desde entradas ao vivo da reportagem, entrevistas, comentários em estúdio, participações de ouvintes,

manchetes, boletins ou suítes. Ao todo, o Caso do Rodado ocupou 1h 23min 44s da programação da emissora naquele dia, o equivalente a quase 14% do *corpus* analisado.

4.2 Mecanismos de coesão e coerência: suítes e reiteraões

Como forma de contornar a fragmentação e a efemeridade da narrativa no rádio, a Gaúcha se vale de mecanismos de coesão e coerência, como as suítes e as reiteraões.

Definida como a matéria que dá continuidade a um assunto anterior (JORGE, 2008), a suíte no rádio, muitas vezes, se apresenta na forma de manchetes, *teasers* (breve chamada de uma notícia) ou comentários do locutor, veiculados principalmente ao introduzir novas informações e na abertura e encerramento de blocos. Para Barbeiro e Lima (2001), este elemento da linguagem jornalística tem como principal função situar o ouvinte, permitindo-o compreender e acompanhar o andamento da cobertura. A suíte, assim, funciona como um ponto de ancoragem para a inserção de novas informações, colaborando para o estabelecimento da coerência da narrativa.

Um exemplo de suíte do Caso do Rodado é o seguinte trecho, extraído do programa Gaúcha Repórter, veiculado à tarde:

Depois do intervalo, o caso envolvendo as meninas de uma comunidade indígena, às margens da BR 386 em Estrela. Três garotas morreram. Uma menina, duas adolescentes. Uma quarta menina está hospitalizada em Estrela e o caminhoneiro foi encontrado pela Polícia Rodoviária Federal já distante do ponto do acidente. [...] ele conversou com nosso repórter Paulo Rocha. Você vai ouvir depois do intervalo.

Além de funcionar como elemento de coesão e coerência da narrativa, a repetição de informações já divulgadas anteriormente, como podemos observar nesse trecho, é uma resposta à efemeridade da mensagem radiofônica e uma forma de situar a audiência volátil do rádio. Meditsch (2007) explica que a fugacidade da informação veiculada no rádio, ou seja, a incapacidade de ouvi-la novamente⁵, leva à necessidade de utilização de mecanismos de reiteração na construção do texto: “[...] a não permanência do texto impede que se dê por ‘já definido’ o que foi estabelecido num momento anterior” (MEDITSCH, 2007, p. 184).

⁵ O caráter efêmero da comunicação radiofônica já vem sendo minimizado com a possibilidade de armazenamento e disponibilização de áudios para consumo assíncrono por meio da internet. Neste caso, contudo, estamos considerando apenas o consumo instantâneo do conteúdo sonoro transmitido via antena e *streaming*.

4.3 Transmissão em tempo real e os bastidores da notícia

A configuração da narrativa sobre o Caso do Rodado ainda contém um importante elemento definidor: a transmissão em tempo real. A narrativa radiofônica sobre o caso se deu de forma quase que simultânea aos acontecimentos – inclusive o próprio acidente (o conflito gerador da narrativa) foi reportado instantes após a ocorrência por ouvintes que passavam pelo local. Deste momento em diante todas as ações da reportagem, desde o deslocamento do repórter para o local até os procedimentos de apuração, foram conduzidos de forma concomitante à configuração da narrativa, muitas vezes fazendo parte da mesma. Os trechos a seguir, de uma entrada ao vivo durante o programa Gaúcha Atualidade, realizada pelo repórter Paulo Rocha e com a intervenção do âncora do programa, o jornalista Daniel Scola, demonstram como os procedimentos de apuração foram incorporados à narrativa sobre o Caso do Rodado.

- [Paulo Rocha] [...] A gente tem aqui alguns homens dos Bombeiros e também da Brigada Militar que estão reforçando a situação da segurança aqui. Vamos confirmar essa informação do Samu com mais detalhes. Tem algum oficial aqui? O senhor é oficial?
- [Entrevistado 1] Não.
- [Paulo Rocha] Só pra gente confirmar, o senhor é da Brigada Militar? O que aconteceu, porque optaram por não retirar os corpos das meninas?
- [Entrevistado 1] Aguardando a chegada da Polícia Civil, logo após a perícia. Logo que possível vai ser liberado [...].

- [Daniel Scola] Só para esclarecer, o caminhão, a Polícia não tem informações ainda, né?
- [Paulo Rocha] Não, até o momento, o caminhão, esse que perdeu o eixo, no caso perdeu o rodado, não foi identificado até o momento...
- [Entrevistado 2 interrompe – murmúrios]
- [Paulo Rocha] Ah, já temos uma atualização!
- [Entrevistado 2] A princípio já tem alguns dados, ainda tem que fazer a confirmação, não dá pra informar ainda.
- [Paulo Rocha] Ele estaria aqui próximo?
- [Entrevistado 2] Não, estaria subindo em direção à Pousa Novo.
- [Paulo Rocha] Tá, então tá. Então nós vamos monitorar essa situação. Pelo menos essa é uma informação agora de momento. Que o caminhão que perdeu esse rodado já teria sido identificado. Está distante aqui do local. E é a informação aqui de momento, Scola [...].

A participação do repórter nessa situação se deu instantes após sua chegada ao local do acidente. Percebe-se que o profissional busca as fontes, apura e até mesmo corrige informações ao vivo – não houve tempo para preparar as entrevistas. Esses trechos demonstram como, no rádio, os “bastidores” da notícia também podem fazer parte da narrativa. Por um lado, a informalidade da linguagem radiofônica que enfatiza um tipo de locução mais dialogada (com vistas a provocar uma sensação de

proximidade com seu ouvinte) justifica a inserção desse tipo de recurso na narrativa. Por outro, a transparência das ações da reportagem, somadas aos ruídos e demais interferências típicas de uma transmissão ao vivo, auxiliam a provocar efeitos de veracidade à cobertura, conferindo credibilidade à emissora.

A ação da reportagem ao vivo também gera picos de tensão na narrativa, que se alternam com períodos de estabilidade: a revolta dos índios seguida da pacificação pelas forças policiais, a notícia sobre a identificação do caminhão e a espera pela confirmação são alguns dos exemplos de “altos” e “baixos” na cobertura. A narrativa em situações como essas, contudo, não pode ser prejudicada pela instabilidade dos acontecimentos; cabe ao rádio retomar o controle sobre a condição de enunciação. Isso se dá, conforme explica Prado (1985), por meio de fatos adjacentes, precedentes e dados complementares. No caso em análise, identificamos em diversos momentos informações de contextualização e até comparação. A produção da Rádio Gaúcha, no estúdio, trouxe para a narrativa o caso da morte de uma menina de dois anos, ocorrido um ano antes, exatamente no mesmo local. A criança, acompanhada da mãe, aguardava o ônibus quando a roda de um veículo de passeio se desprende e a atingiu. Do mesmo modo, complementaram a narrativa, informações sobre a situação da rodovia e reivindicações relacionadas a obras de duplicação do trecho, bem como dados sobre a comunidade indígena.

A recorrência a elementos extradiegéticos sobre o Caso do Rodado, além de contribuir para a manutenção da continuidade da narrativa, pode ser interpretada como uma estratégia enunciativa que, ao mesmo tempo em que auxilia na estabilização do caos provocado pela ruptura do acontecimento, também visa reforçar o projeto dramático da narração construída pela Gaúcha. Como vimos anteriormente, para Motta (2013) toda narrativa tem uma intencionalidade. Neste caso, podemos perceber o posicionamento da emissora em relação aos sujeitos envolvidos. As meninas atingidas pelo rodado, bem como a comunidade indígena, são retratadas como vítimas de uma fatalidade e nem mesmo o protesto, o apedrejamento de um caminhão e o congestionamento são apresentados de forma negativa. A emissora se mostra empática com a dor da comunidade, da mesma forma com que se solidariza com o motorista, apoiando a versão apresentada pelo condutor à Polícia Rodoviária Federal.

4.4 Participação dos ouvintes

O ponto de vista da rádio em relação ao Caso do Rodado, especialmente acerca da atribuição da responsabilidade pelo acidente ao motorista, pode ser percebido ao analisarmos a participação dos ouvintes, principalmente durante o programa Gaúcha Repórter, no turno da tarde. Ao longo do programa, os apresentadores enfatizam o grande volume de mensagens enviadas pela audiência sem, contudo, quantificar sua totalidade. Oito delas são lidas no ar, sendo sete favoráveis ao motorista. Todas estas mensagens em defesa ao caminhoneiro foram enviadas por outros motoristas ou profissionais ligados à área do transporte, que defendiam os argumentos apresentados por Amador, afirmando principalmente a dificuldade de se ouvir, de dentro da cabine do caminhão, o barulho provocado pela queda de um rodado. Apenas uma mensagem que conferia ao condutor do caminhão a culpa pelo acidente foi levada ao ar. Importante lembrarmos aqui que a seleção das mensagens que foram inseridas na narrativa foi feita pelos profissionais da rádio, refletindo uma escolha que é subjetiva.

É interessante observarmos como essa única mensagem contraditória ao posicionamento da emissora foi veiculada. Durante o Gaúcha Repórter, a apresentadora Andressa Xavier relatou a participação, via telefone, de uma ouvinte cuja identificação foi precedida pelo pronome “dona”. A voz da ouvinte não foi levada ao ar – possibilidade, neste caso, tecnicamente viável –, mas sim comentada pela jornalista. Tratava-se de uma crítica à cobertura da rádio e em defesa dos povos indígenas. A ouvinte se mostrava descrente em relação à justificativa apresentada pelo motorista para a evasão do local do acidente. Sua opinião, entretanto, foi desqualificada pela apresentadora, que classificou a mensagem da ouvinte como “na contramão” das demais contribuições recebidas até então. Nota-se aqui que a apresentadora do Gaúcha Repórter abre espaço para o contraditório na narrativa – o “outro lado” tão valorizado no jornalismo –, buscando gerar um efeito de credibilidade e pluralidade. No entanto, a análise revela que essa aparente polifonia esconde, na verdade, a adoção de um ponto de vista único pela emissora na configuração desta narrativa em específico.

A questão relativa à participação dos ouvintes nos leva a observar, ainda, como a função narrativa das contribuições da audiência muda ao longo do dia. Pela manhã, os ouvintes informam. São deles as primeiras informações sobre o acidente a serem veiculadas pela rádio e suas contribuições seguem tendo espaço privilegiado até a chegada da reportagem ao local. À tarde, por outro lado, as mensagens têm caráter mais opinativo, alimentando a discussão acerca da atribuição de culpa ao caminhoneiro.

Novamente reforçamos que a escolha das mensagens inseridas na narrativa são decisões da instância de produção – a rádio e seus profissionais. Sua seleção se dá, dessa forma, de acordo com o projeto dramático norteador da narrativa e, de forma mais abrangente, com um objetivo que é extradiegético: provocar efeitos de participação no ouvinte, fazendo com que este se sinta atuante na construção da narrativa o que, por conseguinte, leva a uma maior afinidade e fidelidade com a emissora. A participação do ouvinte, dessa forma, atenderia não somente a um compromisso jornalístico com a pluralidade de vozes, mas também a uma lógica de mercado.

Considerações finais

Ao analisarmos como a Rádio Gaúcha cobriu, ao longo de um dia de programação, o desenrolar de um acontecimento específico podemos compreender de forma mais clara como se dá o processo de narração, sob o ponto de vista que tomamos como referência neste artigo. Ao narrar o Caso do Rodado, percebemos que a Gaúcha não se limitou a descrever ou contar os fatos, mas também lhes atribuiu sentidos e juízos de valor, mesmo que estes julgamentos não tenham sido explicitamente intencionais. Como vimos, sob a perspectiva teórica e metodológica que adotamos, a narrativa vai além de uma estrutura ou formato textual; designa, em vez disso, um processo subjetivo de ordenamento e atribuição de sentidos à realidade e às experiências humanas.

A narrativa radiofônica, assim, considerada como um processo de representação simbólica, intencional e experimental da realidade apresenta características que lhe são específicas. A análise do Caso do Rodado nos permitiu ressaltar algumas delas.

No rádio, as narrativas tendem a ser mais fragmentadas, efêmeras e, em algumas situações, construídas de forma simultânea ao desenrolar dos fatos. A configuração da narrativa, assim, se dá à medida que as informações vão sendo apuradas, muitas vezes incorporando “cenas de bastidores”, que deixam entrever as práticas produtivas do rádio. O uso de suítes e reiteraões também se mostra mais intenso, como forma de driblar a fragmentação e o caráter fugidio da mensagem radiofônica. A ausência de outros recursos, como imagens em movimento, texto ou fotografias, também é responsável por particularizar a narrativa no rádio. Efeitos sonoros, ruídos, silêncios, trilhas musicais e as entonações de voz têm papel relevante, sendo capazes de suscitar sensações, provocar efeitos de veracidade ou imprimir sentidos. Da mesma forma, a

participação dos ouvintes desempenha diferentes funções na narrativa, sendo acionadas pela instância de produção tanto com fins informativos quanto dramáticos.

Por fim, ainda que não previsto como um objetivo deste estudo, a análise das especificidades técnicas e enunciativas da narrativa radiofônica – situadas principalmente nos planos da expressão e da estória identificados por Motta (2013) – nos levam ao plano da metanarrativa, o tema de fundo. Assim, a metanarrativa que se apreende do Caso do Rodado aponta para a compreensão deste acidente como uma fatalidade, que ganha contornos ainda mais dramáticos pelo envolvimento de crianças. Não se identifica, porém, na narrativa da Rádio Gaúcha, o vilão da estória, haja vista que o motorista, responsabilizado pelas autoridades policiais, é representado pela emissora também como uma vítima do acidente.

Acreditamos que a reflexão desenvolvida neste artigo, ainda que restrita à análise de uma narrativa específica, nos ofereça elementos relevantes para embasar a aplicação da Análise Crítica da Narrativa enquanto método de estudo para o rádio. A identificação das especificidades que diferenciam as narrativas radiofônicas nos auxiliam no processo de adaptação do método proposto por Motta (2013), visando qualificá-lo para outras mídias que não somente as impressas. Da mesma forma, a adoção da narrativa como um aporte teórico também representa uma nova perspectiva epistemológica para os estudos de rádio, ao passo que nos instiga, enquanto pesquisadores da área, a aprofundarmos nossas reflexões para além da superfície do texto dos aspectos técnicos que permeiam a prática do radiojornalismo. Ao adotarmos a compreensão que os conteúdos veiculados pelo rádio, ainda que fragmentados e efêmeros, também conformam narrativas, ou seja, nos contam histórias sobre o tempo presente, inserindo-as em um determinado contexto temporal, geográfico e também cultural, percebemos que este meio não apenas informa, mas também nos ensina e orienta sobre a vida em sociedade.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. (2001). *Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.

BARTHES, Roland. (2008). Introdução à análise estrutural da narrativa. In: Roland Barthes (Org.). *Análise estrutural da narrativa*. (5a ed). Petrópolis: Vozes, pp. 19-62.

CARVALHO, Carlos Alberto. (2012). Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. *Matrizes*, v. 6, n.1, pp.169-187. Disponível

em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizas/article/viewFile/48057/51820>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

JORGE, Thais de Mendonça. (2008). *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto.

LEAL, Bruno Souza. (2013). O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: Bruno Souza Leal & Carlos Alberto Carvalho (Orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, pp. 25-48.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar; DíEZ UNZUETA, José Ramón. (2005). *Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica*. Pamplona: Eunsa.

MEDITSCH, Eduardo. (2007). *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. (2a ed). Florianópolis: Insular/Ed. UFSC.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (2012). Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni (Orgs.). *Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias*. Florianópolis: Insular, pp. 219-241.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. UnB.

PRADO, Emilio. (1989). *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus.

RICOEUR, Paul. (1994). *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus. (Tomos I e III).